

Textos

Gustavo Pimentel

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 17/12/2010

Título : A Segunda Pessoa

Categoria: Contos

A SEGUNDA PESSOA

Caminhei em direção de casa em um ritmo tipo marcha atlética, aquela que a pessoa une o interior das coxas e sai rebolando em passinhos curtos e rápidos. Tinha pressa. Pressa de chegar em casa e arrumar meu quarto, já que a tarde receberia a pessoa que mais amava na vida. Amava Raquel tão profundamente e tão sem restrição por ela ter me tornado uma pessoa melhor. O Renato Russo tinha razão quando disse: “quando se aprende a amar, o mundo passa a ser seu”. Eu realmente me achava o dono do mundo.

Passei pelo restaurante de Seu Freitas, tinha que pegar a vianda que havia deixado lá logo cedo quando fui para a escola.

- Oi Chico. - Meu nome é Francisco em homenagem ao homônimo de sobrenome Buarque. Meu pai era fã do cantor.

- Oi Seu Freitas.

- Como está teu pai hoje?

- Na mesma, Seu Freitas. - O homem baixo e atarracado sempre fazia a mesma pergunta enquanto me alcançava o conjunto de viandas de trás do balcão. - O senhor sabe, dias bons são poucos.

- Tenha fé Chico, um dia melhora.

- É, quem sabe um dia muda. Obrigado Seu Freitas. Tchau - Sei que só mudará quando meu pai se for.

Deixei o restaurante para trás e continuei minha caminhada reboiativa. Todos os dias eram iguais, rotina em cima de rotina. Era melhor assim. Era imperativo que fosse assim. Tentava me equilibrar no arame bambo de uma vida normal, se não bastasse o turbilhão de emoções e descobrimentos que era o dia-a-dia de um jovem na minha idade.

As manhãs sempre foram o pior momento. Levantar-me da cama era a cada dia mais difícil. Após deixar meu quarto, que fica em cima da garagem separada da casa “principal”, eu dava uma olhada no meu pai, que quando não estava curando a bebedeira em sua cama, curava no sofá da sala; deixava a vianda vazia no restaurante de Seu Freitas, e ia para a escola. Quando terminava as aulas, ao meio-dia, pegava a vianda no restaurante, almoçava sozinho na cozinha, já que meu pai só acordava por volta das três da tarde, guardava a comida na geladeira pra ele requeentar mais tarde, dava uma arrumada na casa, que meu “velho” deixava parecendo um depósito de dejetos, e subia para meu “refugio”, estudava algumas horas para o vestibular e depois “curtia” o lugar escutando música, lendo meus livros e escrevendo poesias, só saía dali na manhã seguinte para recomeçar tudo novamente.

Apesar de tudo, as duas últimas semanas foram as melhores desde de muito tempo. Não estava aguentando a vida que levava, e aquela gaveta de minha escrivaninha, a última, quase rente a chão, estava me deixando louco. Parecia que ela guardava em seu interior algo que tinha vida própria, algo sombrio, eu podia ver ela tremendo e se debatendo nos encaixes das corrediças. Ela estava fechada a chave e eu não ousava abri-lá. Cada vez que eu dirigia o olhar a ela parecia que seria impulsionada para fora e dedos magros e nodosos apareceriam pela abertura. Mas aquilo tinha passado, Raquel, finalmente havia cedido as minhas inúmeras investidas, e a gaveta não mais me atormentava, nem lembrava que ela fazia parte de meu quarto. No começo foram os olhares, depois algumas palavras trocadas a esmo, e agora Raquel já frequentava meu quarto em cima da garagem. Naquela tarde, quem sabe, faríamos amor pela primeira vez.

Na primeira vez que levei Raquel para o quarto em cima da garagem fora há uma semana. Em uma de nossas conversas no intervalo das aulas, no pátio da escola, ela me contou que gostava de bossa-nova, e eu disse que não era um gosto comum para pessoas da nossa idade, e que eu tinha uma coleção de discos antigos no meu quarto. Na verdade a coleção de discos era do meu pai. Meu “velho” gostou muito, no passado, de bossa-nova e MPB.

Há mais ou menos dez anos atrás ele construiu o quarto em cima da garagem para que, justamente, colocasse seus discos, seus livros e ter um espaço onde poderia pintar seus quadros, seu hobby naquela época. Ele colocava seus vinis no prato do toca-discos, ouvia Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Baden Powell, Nara Leão, Caetano e tantos outros, e pintava horas a fio. Eu

sentava ao seu lado e ficava olhando seu trabalho ganhar vida. Eram tantas cores brilhantes contra a brancura da tela, parecendo uma transgressão aos meus olhos de criança.

Eu tinha um orgulho imenso do meu pai naquela época. Eu acreditava que ele era um mágico, um poderoso feiticeiro. Até certo ponto, eu tinha razão. Meu pai conseguia retirar o vazio das telas as deixando cobertas de imagens e paisagens coloridas como se as captasse através das mãos, como se as atraísse como imãs, e as jogava contra a tela com força, energia e vida, antes coberta de nada, depois repletas de beleza.

O quarto da garagem somente foi construído porque minha mãe reclamou que não tinha espaço dentro de casa para tanta quinquilharia, como ela dizia, que eram as coisas que pai juntava. Alguns anos depois de sua construção eu me mudei para aquele lugar, já que meu pai o abandonou aos cuidados das traças e do pó. Me mudei para lá porque não conseguia mais viver dentro daquela casa, e, para minha surpresa, aquele quarto me devolveu um pouco de equilíbrio. Tinha tanta coisa ali, as coisas que meu pai abandonou as abdicando, que me animaram e colocaram um pouco de luz em minha vida. As músicas que haviam naqueles discos, as palavras que aqueles livros carregavam, o cheiro, os tubos de tinta pela metade, as lembranças vividas ali, me trouxeram alento.

Lembro de minha mãe e meu pai juntos naquele quarto, de suas risadas, que ainda ecoam pelas paredes de tijolos nus vermelhos e pelos vãos, entre os inúmeros quadros encostados nas paredes a esmo, esquecidos. O tapete ainda era o mesmo daquela época, continuava lá, com alguns respingos de tinta, gasto pelos passos das pessoas que mais amei. Um vermelho desbotado composto com losangos e outras figuras geométricas de tons afins, que, quem sabe, tenha absorvido todo o sentimento que um dia ocorreu ali. Eu acredito que sim.

Duas horas da tarde em ponto Raquel chegou. Ela entrou, me deu um beijo no rosto e foi se sentar no tampo da escrivaninha, despreocupada e cheia de si. Olhei para a gaveta longo ali embaixo dos pés dela, esperei que o que estava entocado lá dentro, algo cruel e repugnante, saísse e rastejasse para fora, mas nada aconteceu. Voltei a olhá-la então. Raquel vestia um vestido que ia até os joelhos, de um tecido leve, lilás, estampado com desenhos de pequenas flores roxas. Cruzou as pernas, jogou o corpo para trás se apoiando com os dois braços, as mãos espalmadas no tampo da escrivaninha. Sua franja caiu alguns centímetros na testa. Ajeitou aquela rebeldia do cabelo castanho liso. Ela tinha o nariz pequeno com minúsculas sardas. Sorriu para mim e disse:

- Quero ouvir João Gilberto. Tem?

- Como não? Claro que tenho. Aliás faço tudo o que quiser. - Fiz um gesto desajeitado, que depois achei ridículo, de reverência como se ela pertencesse à realeza.

- Já te disseram que tu é um fofo?

- Sempre que eu saio à rua. Não aguento mais as mulheres me dizendo isso a toda a hora. - Zombei. Ela sorriu. Gosto de fazer ela sorrir. Meu pai me disse certa vez “se tu fazes uma mulher rir com qualquer bobagem é por que ela está caidinha por ti, ela já é tua”. Se o ditado do meu pai era verdadeiro eu não sabia, mas gostei daquilo.

Inspirado por João Gilberto que cantava, na sua voz quase sussurrada, "... pois há menos peixinhos a nadar no mar, do que os beijinhos que eu darei na sua boca ...", é que aconteceu o primeiro beijo. Fingindo pegar um exemplar do romance Lolita do Nabakov que estava ao lado da perna de Raquel, em cima da escrivaninha, nossos rostos ficaram a dois centímetros de distância. Senti o hálito dela, o cheiro dos seus cabelos. Me aproximei alguns milímetros. Ela não se afastou, do contrário, me olhou nos olhos. Seus olhos disseram tudo, e senti que eles conheciam todos os meus segredos.

Em meio a muita pressa e atabalhoamento, já que não éramos experientes neste assunto, retiramos nossa roupa e deitamos no tapete puído. Fizemos um amor desajeitado, urgente e lindo. O paraíso era dentro dela, lugar que não queria mais sair.

Acordei sozinho no tapete. Eram, acho, que oito da noite. Uma chuva fina batia contra a janela do quarto e uma luz pastosa vindo de fora projetava contra a parede e estantes sombras disformes. Entorpecido pelo sono, meio sem saber onde estava, procurei Raquel pelo quarto não a encontrando. Nenhum sinal dela, nenhum bilhete, nem seu cheiro tinha permanecido naquele ar gelado que me arrepiava a pele. Eu estava nu.

- Para onde foi ontem a noite? Foi embora sem me avisar. Fiquei preocupado. - Disse a Raquel assim que a vi no pátio da escola na manhã seguinte, puxando-a pelo ombro para que olhasse para mim, já que ela estava de costas conversando com outras meninas.

- Do que tu tá falando? - Raquel me olhou de uma forma nunca ocorrida antes. Um olhar vazio com uma pitada de irritação. Virou-se para continuar sua conversa com as amigas.

- O que aconteceu? Vamos nos ver hoje a tarde? - Falei mais baixo desta vez, depois de puxá-la novamente pelo ombro.

- Me deixe garoto. Nem te conheço. Pare de me incomodar. - Raquel agora falava com raiva.

- O que tu tá falando? Ontem a tarde não significou nada para você?

- Não aconteceu nada ontem a tarde. Pelo menos contigo não. - O aumento do volume do tom de voz dela, chamou a atenção dos outros estudantes que estavam pelos arredores. Nisso chegou um rapaz loiro, dois palmos mais alto e mais largo que eu, e perguntou para Raquel:

- O que esta acontecendo aqui?

- Este garoto esta me incomodando. Ele acha que tem alguma coisa comigo, sendo que eu nem o conheço. - O loiro me olhou e simplesmente disse:

- Desgraçado. - Me deu um empurrão com as duas mãos no meu peito, me deixando com a bunda no chão, e depois saiu abraçado com Raquel. - E não fale mais com a minha namorada. Ouviu?

Namorada? Que bobagem era aquela? Levantei-me espanando a sujeira das calças, então foi que percebi que todos riam de mim. Corri o mais rápido que pude, sem direção.

Humilhação. Agora sei o significado desta palavra, letra por letra. Maldita palavra.

Com a raiva amainada, não sei quanto tempo depois, dei por mim estava sentado no vaso sanitário do reservado do vestiário masculino da escola, como os pés em cima do tampo, abraçando as pernas. A porta estava fechada e não escutava nenhum barulho no interior azulejado do local. Colocando apenas um olho pela fresta da porta, vi que não havia ninguém, saí. Quando já havia dado alguns passos alguém ligou o chuveiro. Estanquei no mesmo momento escutando o barulho da água caindo. Encorajado a não recuar, prossegui. Eis que, em meio a uma nuvem de vapor, avistei cabelos loiros escorridos e músculos. Era o rapaz que se intitulava namorado da Raquel. Olhando o sujeito não pude acreditar ou, não queria acreditar, que o que ocorreu na tarde anterior entre eu e Raquel, não tenha ocorrido entre ela e aquele indivíduo desprezível e nojento.

O rapaz estava de costas, quando percebeu que havia alguém bufando atrás dele. Se virou, mas não deu tempo de atacar meu golpe. O canivete que sempre trazia comigo entrou macio até o cabo no abdômen quadriculado do loiro, que deixou escapar um som gutural da garganta. Seu olhar era de desespero, seus olhos procuravam algo que lhe mostrasse que aquilo não estava acontecendo. Acompanhado da primeira estocada veio a segunda, a terceira, a quarta, e a Só saí correndo após ver a água que escorria pelo ralo, tingida de vermelho.

Corri, corri e corri ainda mais. Quando cheguei no meu quarto, minhas pernas ardiavam como se queimassem. A primeira coisa que fiz foi olhar para a gaveta da escrivaninha. Não era pra menos. O seu interior estava agitado. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, caminhei até ela, tateei em baixo do tampo do móvel, peguei uma chave que estava presa com fita adesiva, a levei até a fechadura e, após escutar o clique, abri a gaveta.

Olhei para seu interior esperando ver escorrer dali um líquido viscoso e negro cheirando a podridão e que teria que espantar os vermes que ali rastejavam, mas nada disso aconteceu. Peguei um bilhete escrito a mão, com tinta de uma esferográfica azul, que dizia: “Meu querido filho, te amo muito. Nunca esquecerei de ti e peço-te que nunca esqueças de mim. Um dia ficaremos juntos novamente. Seja um bom garoto e torne-se um bom homem. Estarei sempre contigo. Te amo e me desculpe. Mamãe.”. Depois uma fotografia com dois personagens. Ela fora tirada de cima e mostrava eu com sete anos de idade deitado de costas no tapete vermelho do quarto acompanhado de uma mulher deitada, na mesma posição, ao meu lado. Reconheci aquela como a autora do bilhete. Nós dois sorriamos para a câmera que meu pai segurava, enquanto apertava o obturador. Ela usava um vestido que ia até os joelhos de um tecido leve lilás, estampado com desenhos de pequenas flores roxas. Pude notar que a mulher tinha cabelos castanhos lisos que se derramavam na testa, um nariz pequeno acompanhado por minúsculas sardas. Ela segurava um livro contra o peito e, com o dedo, marcava uma página, a página que estava lendo momentos antes da fotografia ser tirada. O título do livro era “Lolita”. A câmera fotográfica capturou também, naquela ocasião, a capa de um disco do João Gilberto, estava junto a meus pés de criança. Retirei do interior da gaveta, ainda, um exemplar de Lolita, do escritor russo Vladimir Nabokov, o mesmo que a mulher segurava na foto. Quando achei que o conteúdo havia se esgotado, eis que aparecem, no fundo, dois envelopes com papéis dobrados no seu interior, onde na face de ambos estava impresso com letras verde “Clínica Psiquiátrica São Marcos”, e logo abaixo os seguintes dizeres “Assunto: Alta de paciente; Paciente: Francisco Carvalho”.

Joguei com violência todas aquelas coisas para dentro da gaveta, e nisso, flutuou no ar, para logo depois aterrizar no chão, um recorte de jornal. Estava dobrado em dois. Peguei e abri. A foto em preto e branco granulada do jornal mostrava uma pessoa em cada lado de uma maca, carregando uma terceira que estava coberta por um lençol, outras duas choravam de cabeça baixa, abraçadas ao lado da porta de uma casa. A casa era a mesma em que cresci e a pessoa que abraçava a criança era meu pai, bem mais jovem do que está agora.

Antes que o zumbido começasse, pude ler na manchete uma única palavra: suicídio. O zumbido que era fraco, em instantes se transformou em algo ensurdecedor, perfurando meus ouvidos como agulhas incandescentes. E só fez aumentar até que chegou ao máximo, parecendo estar dentro do quarto.

Sirenes esgoeladas de três viaturas da polícia fizeram-se presentes, invadindo o bairro tranquilo, cortando o silêncio como se fossem donos lugar...

Data : 20/10/2010

Título : A Selva

Categoria: Contos

Descrição: Assim como em muitas tardinhas de sua vida, naquele dia, Genésio desceu o morro onde morava e ...

A SELVA

Genésio. Esse era seu nome. Genésio. Genésio. Genésio. Podemos repetir este nome mil vezes e, em todas ocasiões temos a impressão que a pessoa que o carrega é uma pessoa sofrida ou ferida pela vida, como se tivesse sido carimbada ao nascer. Genésio. O Genésio dos Santos, vigia noturno de um supermercado do centro da cidade, era este tipo de pessoa. Uma pessoa sofrida, mas, acima de tudo lutadora. Este pobre diabo levou tantas porradas da vida que não se sabia o porquê que ele continuava a vivê-la, insistindo em levantar todo dia, e transcorrê-lo, aos trancos-e-barrancos. Se sua vida estivesse encarnada em outra pessoa, talvez esta já tivesse desistido de vivê-la. “Meu Deus, não deu mais para aguentar. Me receba novamente contigo, não suporto mais o dom que me deste. O dom de respirar e caminhar entre os meus semelhantes. Abra teus braços que estou chegando.”

Assim como em muitas tardinhas de sua vida, naquele dia, Genésio desceu o morro onde morava e se encaminhou para mais um dia de trabalho. Para chegar lá tinha de caminhar três quarteirões até uma parada de ônibus, para, trinta minutos depois, espremido, chegar na estação do metrô e, somente então, junto

de outros coitados assalariados como ele, dentro de um vagão, olhando as paredes escuras que passavam a toda velocidade, desfiaria seu sofrimento, se chacoalhando diante das curvas dos trilhos por dez estações e, ia cumprir mais uma jornada de labuta no centro da cidade.

Eram dias difíceis aqueles para Genésio, apesar de que, nunca teve algum fácil. Por inúmeras vezes tinha pensado em voltar a morar no interior, trabalhar como empregado em alguma fazenda, assim como já haviam feito seus pais. Mas logo lembrava de seus dois filhos. Não podia deixar que os dois abandonassem a escola e não tivessem nenhum estudo, como ele e sua esposa. Não queria ver Joana, de nove anos, e Fábio, de onze, tendo uma infância como a dele, uma infância vivida no cabo da enxada, recebendo ordens de patrões tiranos, como se estivessem na época da escravatura.

Realmente eram dias difíceis. Ao deixar seu barraco, instalado perigosamente a poucos graus dos noventa, em uma favela dominada por traficantes, beijou Anita nos lábios, Joana e Fábio na testa, e tocou o rosto enrugado de Dona Binha, sua sogra, e, já quase ao pé do morro, encontrou Juninho e seus “lambe sacos”.

•

o Daí Genésio? Como vão as coisas?

o Tudo bem Juninho. Vai se levando. - Juninho era amigo de Genésio desde antes da adolescência. Cresceram juntos, só que Juninho tomou um caminho diferente. Agora ele era “capitão” do tráfico. Assim como seria Genésio se tivesse aceito a proposta muitos anos atrás.

o Como está o Fabinho?

o O Fábio está crescendo rápido. Hoje comemoramos o aniversário dele. Onze anos.

o Onze anos? Puta merda. O moleque tá crescendo mesmo. Vou passar lá e deixar um presente pra ele. - Na cintura de Juninho podia-se ver uma pistola. Ele a deixava a mostra de propósito. Tinha um posto e uma reputação a zelar. Faria de tudo para mantê-los.

o Não se incomode Juninho.

o Faço questão. O moleque não é filho de um amigo de infância? - O malandro falou abrindo os braços, em meio a uma voz cantada, como se tivesse grande intimidade com Genésio, gíngando como um “joão-bobo”.

o Sim.

o Então. Deixe de frescura irmão. Vou levar um presente pro moleque.

o Eu disse não, Juninho! Deixe o garoto quieto.

o Sempre gostei de ti Genésio. Tu sabe que sempre fui teu amigo. Porque esta repulsa para cima de mim? - Juninho foi em direção de Genésio, gíngando ainda e com um sorriso nos lábios.

o Não chegue perto do garoto Juninho. Tô te avisando. - Juninho fechou o sorriso. Os capangas que estavam com ele, cada um com um fuzil, se mexeram diante as palavras de Genésio. Aquele desrespeito não era tolerado naquele morro, mas Juninho aquietou seus “cães” com um sinal de mãos.

Genésio virou as costas para Juninho e sua corja e ao continuar a descer a ladeira as lágrimas lhe vieram aos olhos e escorreram pelo rosto. Tinha, com muito sacrifício, comprado um tênis para Fabinho em seu aniversário. O primeiro calçado novo do garoto após dois anos e meio. O tênis não era um presente mas sim uma necessidade. Uma necessidade cara para seu padrão mas, que o fez esquecer o dinheiro gasto quando seu filho abriu o pacote. Quando o garoto calçou o tênis, de imediato, um sorriso formou-se em seus lábios da largura do calçado. A felicidade do meminho emanou e escapou aos limites do barraco. Aquele momento tinha sido lindo. A família reunida, em baixo do bico de luz na mesa da cozinha, que era conjugada com a sala, onde, também, dormiam Dona Binha e Joana, o único quarto restante era para o casal e Juninho, comeram um pequeno quadrado de pão-de-ló com uma cobertura de um lambuzo de açúcar misturado com água.

Quase ao final do seu expediente, ao contornar um dos cantos do supermercado, Genésio notou no interior do caixa eletrônico de um banco, que ficava no estacionamento, que algo estava errado. Um rapaz empurrava de forma violenta uma moça no interior da cabine, e ela chorava e tremia. Chegou próximo da porta do caixa, pegou seu cassetete, já que arma de fogo lhe foi negada, e assim que perguntou o que estava acontecendo ali, o rapaz virou-se para ele e lhe apontou o cano de um revólver. Estava em curso um sequestro relâmpago.

- De joelhos no chão, seu merda. Rápido. De joelhos se não mato essa vagabunda. - Diante destas palavras a moça deu um grito e passou a chorar com mais intensidade.

Genésio obedeceu. O rapaz, então, começou a gritar com a moça para que ela se apurasse, mas ela, desesperada que estava não conseguia teclar os números do painel do caixa eletrônico. Após alguns minutos de tensão, o assaltante conseguiu o que queria, jogou a moça no piso da cabine e saiu para fora, correu pelo estacionamento, para logo depois ganhar a rua e desaparecer na madrugada, mas sem antes, dar um presente a Genésio. Com a lateral da arma bateu em seu rosto fazendo com que seu lábio, carnudo por natureza, dobrasse de tamanho.

Genésio, enquanto ajudava a moça a se levantar, com o rádio que tinha preso na cintura, em baixo de sua camisa, chamou seu colega, que fazia a ronda do outro lado do supermercado, e pediu a ele que chamasse a polícia.

A moça não tinha parado de chorar um segundo sequer. Até na delegacia, onde prestaram depoimento, ela continuava com o choro. Genésio também foi conduzido para a delegacia, mas ainda se recobrava do susto que o policial lhe deu ao deixar a viatura.

- Fique quieto seu filho da puta. - O fardado apontou a pistola para Genésio, que estava sentado em um degrau de concreto do estacionamento, com um pedaço de papel higiênico no lábio tentando estancar o sagramento, e foi o seu colega segurança do supermercado com o cassetete na mão, que disse...

- Não foi ele chefe. Fiquem calmos. Ele é meu colega. O assaltante já fugiu.

A moça, sentada ao lado de Genésio no interior da viatura, se encolheu próximo a janela do carro, talvez com medo da cor de Genésio, que era negro, ou nojo, pelo sangue que escorria dos lábios daquela pessoa tão parecida com aquela

que lhe ameaçou com uma arma há poucos minutos atrás, ou ainda, receio em sujar a sua preciosa roupa de “patricinha”.

A noite que começara tão perfeita tinha se transformado em um inferno. Esse era o pensamento de Genésio quando desembarcou do metrô. Mais uma jornada de trabalho impresso no seu cartão ponto, somente queria que aquele dia terminasse logo. Chegou na sua parada de ônibus, passou reto, nem olhou para as pessoas em pé ali paradas com seus rostos de estátuas, petrificadas, cinzas, a fitar o nada, esperando que um milagre acontecesse em suas miseráveis vidas.

Debruçado no parapeito de uma ponte que tinha que atravessar para chegar no morro onde morava, Genésio chorava era de raiva. Olhou o córrego deslizando leito abaixo, local onde suas lágrimas se misturavam com a água suja. Em um ato inesperado até para ele próprio, subiu no parapeito da ponte ficando em pé. Olhou ao longe e podia ver a favela onde estavam dormindo sua linda família. Se mataria. Tiraria sua própria vida naquele momento. Naquele pedaço imundo e esquecido da cidade. Se jogaria no riacho que corria logo ali. Tinha cansado de sua pobre vida. Se não morresse afogado, já que não sabia nadar, pegaria uma infecção na água poluída. Aquele seria seu fim.

Jogou-se.

O máximo que conseguiu se molhar foi até o meio das coxas. A merda do riacho não tinha fundura suficiente. Até morrer era difícil na vida de Genésio. Arrastou-se até a margem, onde crescia um mato alto. Deitou-se de costas no chão e olhou para o céu sem lua e estrelas. A escuridão era total. Ao menos ninguém tinha visto seu fiasco de suicídio. Então pensou na bobagem que queria fazer. Pensou na sua família sem ele, sem sua presença. Odiou-se por estar ali. Foi então que escutou vozes de pessoas próximas. Olhou em direção do som. Dois homens estavam embaixo da ponte, cada um com uma pá, começavam a cavar um buraco no chão. Eles não viram Genésio deitado entre o mato.

Alguns minutos depois os dois homens colocaram duas volumosas sacolas de lona no interior do buraco, para logo depois o tamparem. Olharam para os lados para ver se não havia ninguém por perto e foram embora. Genésio ouviu pneus de carro cantando.

Teria coragem de fazer o que estava pensando? Chegaria perto daquele local? Escutou seu coração batendo forte dentro da caixa do peito, deitado naquela escuridão. A terra estava fofa, não foi difícil desenterrar as duas sacolas, que agora estavam a seus pés, se as abrisse não teria volta. A tentação foi mais forte, às abriu, mesmo sabendo que as consequências de seu ato não seriam boas.

Dinheiro. Muito dinheiro. Milhares ali aos seus pés. Seu milagre havia chegado.

Genésio aproveitou a escuridão que persistia e nos ombros carregou as sacolas para seu barraco. Não encontrou ninguém nas vielas sinuosas ou nas ladeiras do morro. Entrou correndo em casa e foi direto para o banheiro. Subiu no vaso e abriu o alçapão do forro do teto que ficava ali. Foi para cama todo suado e esbaforido, quase sem ar. Deitou-se ao lado de Anita que acordada perguntou.

- O que houve homem? Fale. Aconteceu alguma coisa? - O mudo ao seu lado arfava. - Você está me deixando com medo. Fale o que aconteceu.

Então sussurrando ao ouvido de Anita, Genésio contou tudo, desde o princípio.

Genésio não conseguiu dormir um minuto sequer. Assim que as crianças saíram para ir à escola levantou-se. Anita estava de cara amarrada, achou errado o que o marido havia feito. Para Genésio, aquele dinheiro seria o passaporte para sair daquela favela e de sua vida miserável. Já havia feito infindáveis cálculos e planos em onde aplicar aquela bolada que havia lhe caído no colo. Adeus vida desgraçada.

Sentou-se junto a mesa da cozinha. Anita colocou a sua frente uma caneca fumegante de café preto.

- Não quero saber deste dinheiro homem. Devolva.
- Tu sabe quanto de dinheiro que tem naquelas sacolas? Eu nunca vi tanto dinheiro junto Anita. Sabe o que ele pode fazer para a nossa família? Para as crianças? Pode mudar nossas vidas.
- Tu não sabe de onde veio este dinheiro homem. Quem sabe é dinheiro de drogas, do tráfico.
- Por isso mesmo que será aplicado em coisas boas.
- Não quero saber Genésio. Devolva.

O casal fez silêncio porque Dona Binha havia saído do banheiro e juntava-se a eles na cozinha. A velha senhora deu bom dia e, como de costume, ligou o pequeno rádio a pilhas que ficava em cima da geladeira. A voz do locutor, cheio de estática, inundou o aposento. Era hora do noticiário que não encontrou nenhum ouvido atento, a não ser o de Dona Binha. Até que uma notícia, minutos depois, fazer as cabeças do casal virarem em direção o rádio. - "... o show beneficente que vários artistas fizeram na noite anterior para arrecadar fundos para instituições carentes das favelas da cidade foi roubado. Dois elementos encapuzados e fortemente armados renderam os organizadores do show que deixavam o local com o dinheiro arrecado, nas bilheterias e por doações, roubando-os. O valor roubado estima-se em torno de cem mil reais. O presidente da câmara de vereadores, o vereador Nicolau, principal articulador e facilitador do evento lamentou profundamente o ocorrido e diz que confia na polícia para capturar os autores do delito, ...".

Anita neste momento olhou para Genésio com a cara mais fechada ainda. Genésio, por sua vez, olhou para ela como se dissesse "vou resolver".

Genésio catou as duas bolsas do forro da casa, às colocou nos ombros e saiu do barraco.

- Então Mariovaldo. Cadê a porra do meu dinheiro?
- Não sei ainda vereador Nicolau. Estamos tentando localizá-lo.
- Não é tentar Mariovaldo, é encontrar. Eu quero a porra do meu dinheiro. Os outros vereadores já estão me pressionando.
- Eu sei vereador.
- E os dois quadrupedes que tu contratou para nos roubar ontem?

- Eles disseram que fizeram tudo como o planejado.
- Eles não se confundiram de local e enterram o dinheiro embaixo de outra ponte?
- Não vereador. Eu mesmo os levei lá para mostrar onde deveriam enterrar as bolsas.
- Merda Mariovaldo. Será que estes caras não estão nos passando a perna?
- Não vereador. Eles são da minha confiança. Eles já trabalham para mim faz tempo.
- Então limpe esta merda. Eu quero meu dinheiro até a noite.

E no noticiário do final de tarde: "... hoje dezenas de instituições carentes, entre elas escolas, creches e asilos, tiveram uma surpresa logo pela manhã. Uma boa surpresa. Um bom coração, um bom samaritano, deixou, enrolado em folhas de jornal, pilhas de dinheiro na caixa de correio ou na porta destas instituições, que tanto precisam de caridade. As autoridades dizem que tal dinheiro pode se tratar do dinheiro roubado dos organizadores do show beneficente realizado ontem, mas agora, eles estão em boas mãos e que farão bom uso..."

Data : 30/09/2010

Título : A Viagem de Olívia

Categoria: Contos

A Viagem de Olívia

A melhor viagem que fiz na vida foi à Fortaleza, Ceará. Lindas praias, clima perfeito, natureza, pessoas bonitas, tudo de bom. Fui ainda quando a dureza do mundo não havia me tomado nos braços, e que eu retribui. Quem me levou foi meu pai, Seu Miguel, quando seu problema cardíaco ainda o permitia. Recordei-me desta viagem agora por estar fazendo uma neste momento. As árvores que passam voando pela minha janela são somente borrões verde escuro, e o motivo dessa viagem não me saía da cabeça.

Tudo começou quando conquistei André. Aliás, não precisei muito esforço para isso, era somente estalar os dedos que ele estaria beijando meu All-Star vermelho. Ele mantinha uma paixão por mim desde criança, já que éramos amigos de infância. Ele morava a dois quarteirões da minha casa, com seu tio, Seu Venâncio, e sempre me perseguia, insistente, e eu, sempre o rejeitava, às vezes até de forma cruel e malévola. Sempre fui uma garota, assim como meu pai gostava de me chamar, “explosiva”. Sou brigona, teimosa, consigo tudo que quero, tenho uma inteligência diabólica e, sou bonita. Bonita não, espetacular.

Já, André, desde pequeno era um garoto desengonçado, atrás dos seus óculos de lentes grossas, muito magro, muito esquisito, muita espinha, muito grudento, muito... Agora, aos vinte e poucos anos tinha ficado mais apessoado, ganhou corpo, a secura deu lugar a alguns músculos, as espinhas deram lugar a uma barba rala, os óculos deram lugar a lentes de contato. Tinha que admitir, ele tinha lá seu charme, mas não era o tipo de homem por quem eu caísse de amores, pelo contrário, gosto dos cafajestes, mas pela necessidade, ambição ou desespero, releva-se alguns aspectos e se vai a luta. Minhas dívidas eram quilométricas e o que ganhava com dançarina era milimétrico.

Com duas semanas de namoro, já andava angustiada, até André dar a brecha que eu precisava. Não falseei e entrei. Aquele era o passo seguinte para o meu plano, já que o primeiro, estava cumprido, que era namorar com ele. O coitado estava tão apaixonado por mim, com a cabeça a ver campos floridos e pássaros a cantar por entre o arco-íris, que nem percebeu meu fingimento.

- Sabe Olívia, meu tio é um velho tarado. – Como se eu não soubesse, o velho me comia com os olhos cada vez que eu passava por ele. – Descobri uma coleção de revistas e filmes de sacanagem guardadas em uma caixa na garagem, no meio de um monte de entulho.

- Mesmo?!

- É. Além de ser um velho antipático e egoísta, é também um tarado. É um homem triste, insuportável e sovina aquele. Acredita que ele fincou o rabo em cima do monte de dinheiro que tem e não divide com ninguém, acha que vai levar para cova quando morrer. Gente boa mesmo é teu pai.

- Tem razão, o Seu Miguel é um amor. Não posso reclamar do meu pai. Por que você simplesmente não deixa o Seu Venâncio e vai embora?

- Não posso fazer isso Olívia, ele é minha única família, a pessoa que me criou. Apesar de não gostar dele, tenho que retribuir o que ele me deu. É ele quem paga meus estudos, comida, e tal...

- Tenho uma idéia para acabar com esse problema.

De início, André ficou surpreso, após receoso, e depois, assustado, mas com alguns carinhos e massagens em lugares estratégicos, ele acabou concordando. Afinal, não disse que eu conseguia tudo o que queria?

O local escolhido era um hotel barato, uma verdadeira espelunca, frequentada por hóspedes chinfrins, localizado numa rua esquecida de um bairro decadente. Local perfeito.

Pouco antes do horário combinado, recebi uma ligação no celular. Era André. Comecei, então, a deixar tudo preparado no quarto. Na minúscula sala, improvisei um palco para o espetáculo, coloquei o CD de músicas românticas no aparelho que trouxera comigo, apaguei as luzes deixando só a do banheiro acesa, dando à sala uma aura agradável, um clima noir, vesti meu lingerie de renda mais sexy e em cima dele um vestido longo e preto, colado ao meu corpo, calcei sapatos de salto altos tipo agulha, soltei o cabelo que se derramaram em cascatas nas minhas costas nuas, borrifei perfume no pescoço e no peito, acima dos seios. Perfeito. Nada poderia dar errado.

Não demorou e ouvi batidas na porta. Liguei o som rapidamente, me posicionei no “palco”, de costas para a porta e mandei que o velho entrasse. Quando se deu o som seco da porta se fechando, disse a ele, com uma voz melosa, pingando luxúria, que se sentasse na cadeira. Estrategicamente eu a havia posicionado há alguns metros longe, e quando a escutei ranger sob o peso dele, comecei a dança.

Seguindo o ritmo da música me contorci empinando a bunda. Em movimentos rápidos, virava-me para ele jogando os cabelos no rosto, colocando o indicador nos lábios impregnados de batom, o segurando por entre os dentes, para logo após descer com as mãos espalmadas pelos seios, passando pela barriga dura, e as estacionando nas coxas torneadas. Eu não olhava diretamente para ele. Não queria que ele me reconhecesse.

Quando soltei o botão que prendia o vestido atrás do pescoço, deixando-o cair em torno dos tornozelos, consegui escutar o gemido do solitário espectador. Em meio à penumbra pude perceber que ele estava com seu tradicional boné de lã, seu rosto não se distinguia claramente, mas sua boca estava aberta em um gesto de puro prazer. Dancei mais alguns minutos até que acabasse a música, somente de calcinha e sutiã, e quando começou a seguinte, desprendi o fecho do sutiã as costas. A respiração dele acelerou. Comecei a brincar com o sutiã, sem ainda expor meus seios completamente, ameaçando tirá-lo. Ele sacou o

boné da cabeça e o revirava por entre as mãos trêmulas, até que joguei a peça vermelha de renda longe mas, de imediato, dei-lhe as costas para aumentar o suspense. Escondi uma parte, mas mostrei outra. A minúscula calcinha se perdia na protuberância, alardeando minhas nádegas perfeitas e irreparáveis, o velhote começou a ofegar.

Era meu melhor desempenho em anos. Isso eu não tinha dúvidas. Virei-me novamente para continuar e levar a cabo meu plano, quando vi o homem levantou-se e dirigiu-se até a parede para acionar o interruptor.

A luz doeu em meus olhos, como se fossem agulhas a penetrá-los. Instintivamente cobri meus seios. E Seu Venâncio, se transformou em Seu Miguel. A figura de meu pai se transfigurou na minha frente como em um passe de magia. A surpresa foi avassaladora para mim. Perdi a fala e o senso.

- O que estás fazendo, minha filha? – Vi lágrimas brotarem nos olhos de meu pai, que pousou as mãos no peito, cambaleou e tombou de bruços no chão acarpetado de um marrom desbotado. Meu pai tinha morrido. Ataque cardíaco.

- Quando André chegou ao quarto, o esbofetiei com força, o xingando com os mais terríveis impropérios. Em meio a meus gritos e insultos, ele disse que tinha feito tudo correto, que tinha combinado com Seu Venâncio, o dia, horário e local que a “striper” o estaria esperando, e tudo mais. O pobre rapaz disse, ainda, que escondeu o remédio que o velhote tomava para o coração, para que as coisas ficassem mais fáceis.

O plano até que tinha dado certo, o alvo é que foi o errado.

Vim a saber mais tarde, que Seu Venâncio, após muita insistência, havia conseguido persuadir Dona Iolanda, viúva enxuta e simpática, que morava no bairro, a ir com ele ao cinema. E não é que o velho havia escolhido justamente a tarde do seu compromisso no hotel, para paquerar a viúva no cinema. E, então, como estava compromissado, presenteou seu velho amigo, Seu Miguel, para que fosse no lugar dele, já que a seção com a dançarina já estava paga.

Minha impetuosidade foi minha ruína. Além de querer empurrar a culpa da morte de Seu Miguel para André, lhe desprezei por completo, como se fosse algo que me desse nojo. Disse a ele que tudo não passava de uma armação, desde o início, que o namoro era uma farsa, que meu amor por ele era uma mentira deslavada e, que eu queria mesmo, era tão somente arrancar o dinheiro do Seu Venâncio.

Mas o contragolpe de André veio e foi duro.

E era esta maldita trágica história que não me saía da cabeça enquanto viajava, enquanto rodávamos com aquele furgão. Eu sabia que esta história iria me perseguir por toda minha vida. Como queria voltar no tempo, exatamente no dia em que estava em Fortaleza, naquelas praias maravilhosas. Agora dou-me de cara com meu destino. E, meu destino é uma fortaleza. Uma fortaleza de tijolos, concreto e arame farpado, onde posso ler em sua fachada: Presídio Feminino Estadual.

Data : 29/09/2010

Título : Est la Vie

Categoria: Contos

Est la Vie

Quem olhasse para ele naqueles trajes diria que era um sujeito trivial. Um distinto senhor de cabelos brancos, a passear com o cachorrinho Poodle, no início de uma noite de verão. A sandália, o shorts branco, a camisa pólo e o boné com o logotipo de um réptil verde, o colocavam no mesmo saco das pessoas normais, e aquelas pálidas pernas finas não combinavam com o papel que desempenhava ou com o tamanho de sua importância, ou da importância que achava que tinha.

Caminhou algumas centenas de metros do prédio onde ficava sua grandiosa cobertura de luxo. Olhou o vai-e-vem incessante dos carros na avenida que se abria a uma quadra de onde estava. Avistou uma parada de ônibus apinhada por dezenas de trabalhadores que voltavam para casa após mais um dia de trabalho. Podia até enxergar seus rostos castigados pela carga de anos de massacrante labuta diária acompanhada pela miserável desesperança. Quem sabe se algum empregado seu não estaria por ali. Sentiu pena daqueles pobres coitados, vergonha até, se os comparasse com seu próprio estilo de vida. O remorso não era para menos, tendo em vista o que tinha realizado em sua própria jornada de trabalho naquele dia. Mas tudo aquilo, aquele desatino, durou somente dois segundos, se muito. Uma coceira na bunda desviou aquele pensamento.

Era tudo tão simples. O egoísmo engolia os bons princípios, a ética e a moral tão rápido que os defecava quase imediatamente. Tão rápido como aquela coceira na bunda. Ela incomodou, ele coçou e pronto. Assim como a vergonha e o remorso, tudo acabado.

Viu cruzar pela rua um clarão prateado. Era um carro esportivo, importado. Quem guiava era uma beldade de parar o trânsito, com uma vasta cabeleira loura. Uma máquina dentro de outra. Ele conhecia tanto o carro como a mulher. Ambos eram seus.

Agradeceu a algum deus por ter uma mulher como aquela. Não ao Deus dos cristãos, tendo em vista que já tinha quebrado em milhares de pedaços, somente naquele dia, as tábuas dos mandamentos que Moisés com tanto esmero apregoou, e sim a um pagão qualquer. Ela lhe fazia bem, ele sabia disso. Ela fazia com que os resquícios da essência de uma pessoa de bem, daquilo que sobrara nele, se mostrasse, se desentocasse do buraco imundo para onde tinha sido sugada. Além disso, ela tinha uma exuberante beleza física, uma pureza mesclada com delicadeza e sensibilidade, que lhe conferiam qualidades de um anjo.

Resolveu que já era hora de voltar. Após deixar o elevador privativo, desembarcou afundando no tapete felpudo da entrada de uma enorme sala do seu apartamento. Soltou a guia que prendia o Poodle, que saiu correndo lépido. Percorreu os muitos aposentos até chegar na sua suíte. Escutou o barulho do chuveiro. No banheiro admirou as curvas generosas e a pele macia do corpo molhado e jovem de Cicinha, como ele gostava de chamá-la, quase uivando de prazer. O nome dela era Cecília.

Retornou para a sala onde esteve há alguns minutos atrás. Com um copo de um Escocês com gelo e um cubano nos lábios, estirou-se na sua poltrona favorita, enquanto escutava Miles Davis do CD que tinha posto no monstruoso aparelho de som. Reclinou a poltrona, recostou a cabeça e fechou os olhos. Os anéis de fumaça que soprava até o teto se transformavam em cifras. Ele estava “chapado”. “Chapado” com a riqueza que tinha e aumentava exponencialmente com o pouco tempo de vida de seu mandato como deputado. O poder é droga, vicia quem a experimenta. Aquela felicidade toda fazia com que seu ego subisse num jorro de luzes pirotécnicas, tamanho era sua satisfação com mais uma negociação fechada de forma satisfatória naquele dia. Já sabia até como manipular aquela quantia.

Apesar de seu gabinete receber varreduras semanais contra qualquer artefato de espionagem, precavido que era, resolveu deixar seu gabinete para realizar a reunião daquela manhã longe de lá e, numa clarividência demoníaca, o almoço, especialmente o tradicional cafezinho pós-refeição que teve com seu convidado, se materializou na sua frente enquanto era engolido pelo conforto da poltrona.

- O almoço estava uma delícia deputado Lessa. Obrigado.
- Agradeça a meus eleitores, Nogueira. – Lessa deu uma gargalhada que ecoou em todo o salão do restaurante que, no momento, convenientemente, estava quase vazio.
- E ficará melhor meu caro deputado. O senhor terá uma digestão macia esta tarde.
- Mesmo? Conseguiu viabilizar? – Sussurros rolaram por cima da mesa.
- Mole-mole.
- Fez como eu te disse.
- Sim. Logo receberás a citação que sua empresa ganhou a licitação para a construção da estrada e da ponte. Os orçamentos das empresas concorrentes estão muito acima dos da sua.
- E estas outras empresas?

-Terão que chamar os caça-fantasmas para encontrá-las. – Novamente as gargalhadas ecoaram. – Mas tem uma coisa.

- Diga.

- Minha comissão aumentou para dez por cento.

- Como? De cinco para dez? Tá louco?

- É que tive que pagar para mais algumas pessoas ficarem cegas, mudas e, até retardadas. Mas, além de tudo, seu nome não aparece em nada. O senhor está limpo. Tudo responsabilidade minha.

- Oito?

- Beleza.

As lembranças do deputado esvaeceram-se, se incorporando à fumaça azulada do charuto que forrava o teto ao ouvir a voz suave, melada de carinho, de Cicinha, que lhe chamava para o jantar. A mesa já estava posta e da comida saía um vapor carregado com um ótimo cheiro. Lessa debruçou-se para beijar a testa de Cecília.

Enquanto conversavam banalidades, meio prato já vazio, um rapaz entrou na sala, se jogando em uma cadeira em frente à Cecília, lançando no chão a mochila que carregava nas costas. Tudo foi feito em uma forma tão abrupta que os dois outros ocupantes da mesa se sobressaltaram. O deputado derramou alguns pingos do vinho do copo que levava a boca.

- Porra.

- Desculpe. Estou louco de fome. Não comi nada a tarde inteira.

- Onde esteve até essa hora?

- Estudando na biblioteca do colégio, pai.

Luciano era filho do deputado Lessa, fruto do casamento com sua primeira esposa. O rapaz tinha dezessete anos. Nascido em “berço de ouro”, incansavelmente mimado por todos da família, nunca precisou se preocupar com nada. Era um príncipezinho tirano e arrogante do reino da riqueza. Seu único propósito: torrar o dinheiro do pai.

- Você não tocou na comida Cicinha. Está bem?

- Não estou me sentindo muito bem. Estou com uma dor aqui. – Ela passou a mão na barriga.

- Não deve ter sido a comida. Ela está ótima.

- É. Já vai passar.

- Que carne gostosa. – O deputado tinha posto mais um pedaço do filé na boca. Ao ouvir esta última frase Cecília quase vomitou. Ficou branca. Era a segunda vez que escutava aquela frase naquele dia. Somente as circunstâncias foram diferentes.

Naquela tarde, ela nua, deitada de lado na cama do motel, Carlão deitado a suas costas, com a cabeça apoiada nos seus avantajados quadris.

- Que carne gostosa. – Carlão falava enquanto lambia o cóccix de Cecília.

- Pare com isso, estou preocupada Carlão. – Eles tinham terminado duas seções de sexo. Um sexo nada parecido com aquele entre ela e o deputado. O que teve a pouco fora selvagem, vibrante e enlouquecedor.

- Preocupada com o que minha potranca.

- E se não der certo.

- Vai dar certo. Confie em mim. Ele é um velho muito burro. – Carlão percebendo a cara de desconforto que Cecília fazia, continuou. – Nada pode dar errado. Você sabe o que terá que fazer amanhã, não sabe? Vamos de novo. Antes de você sair, pegará as jóias que ele te deu, o dinheiro do cofre, tu já tens a combinação, o cartão magnético do banco onde vocês fizeram a conta conjunta, de onde, mais tarde, vais sacar tudo o que tiver ali. Depois é pegar a Terezinha, que é a cozinheira da casa dele, e levá-la até o banco onde o deputado abriu conta usando ela como “laranja”. Ela irá fazer uma transferência para a conta que esta no seu nome e, pronto. Fugimos no carrão, cheios de dinheiro e o coitado se dará conta da cagada que fez quando nós estivermos a muitos quilômetros daqui, em uma praia qualquer. Simples e gostoso como a transa que tivemos agora a pouco.

Cecília somente saiu do devaneio quando escutou Luciano falar:

- Cecília, você está grávida.

- Não estou não garoto.

- Oba, vou ganhar um mano.

- Não seria uma má idéia. – Cecília olhou com cara da brava para o deputado Lessa que rapidamente mudou o discurso. – Deve ter sido a comida do almoço. Você comeu no restaurante, não é mesmo?

- É.

- Eu tenho um remédio para ti.

Agora foi a vez de Luciano ficar branco e quase vomitar. O rapaz se engasgou, tossiu expelindo pedaços de carne pela boca. Tinha escutado aquela mesma frase naquela tarde.

- Eu tenho um remédio para ti. – Paulinho tirou do bolso da calça um cigarro de maconha, colocou na boca e começou a acendê-lo. Os dois tinham ficado boa parte da tarde planejando a ação do dia seguinte e, quando Luciano falou que estava cansado daquele falatório todo, Paulinho resolveu recompensá-lo com o cigarrinho.

Paulinho era um vendedor de drogas chinfrim, que morava numa quitinete imunda de uma favela da periferia da cidade. Luciano não lembrava como e onde o tinha conhecido, estava muito “chapado” naquele dia, mas deixou-se cair pela lábia mole e arrastada do jeito malandro de Paulinho.

- Vamos ficar ricos Luciano. Vou conseguir aumentar minha zona de “negócio”.

- E eu nem sei ainda o que vou fazer com a grana. – Luciano desatou a rir como o que acabara de dizer fosse a maior piada do mundo. A fumaça já tinha subido para a cabeça e a viagem começava.

- Vamos enganar o velho "trouxa" direitinho. – Paulinho já tinha os olhos semi-serrados.

- Eu só queria ver a cara dele quando ele atender ao telefone e ouvir você dizer que seu precioso filho, o Lucianinho, foi seqüestrado por bandidos. Porra cara, como eu queria estar lá.

- Mas tu acha mesmo que ele vai cair. – Paulinho tinha ainda um certo receio.

- Claro. Ele é muito burro. Fique tranquilo Paulinho, ele vai pagar o resgate e não avisará a polícia. Você vai ver. Dinheiro fácil mano. – Luciano deu mais uma puxada no cigarro e passou para o comparsa.

Cecília agradecida que a atenção do deputado Lessa fora desviada pelo chique dado pelo enteado, levantou-se para lavar o rosto, para ver se sua náusea ia embora junto com a água pelo ralo. Quando retornou tudo estava calmo.

Os três deixaram a mesa como estava, um empregado surgido do nada começou a limpá-la, foram para a sala para um copo de licor de cacau. Conversaram, riram e confraternizaram como uma família feliz e unida, e foram para a cama cedo, já que o dia seguinte seria cheio.

Data : 30/04/2006

Título : Mentiras

Categoria: Artigos

Descrição: Muitas vezes enganamos a nós mesmos sem perceber.

Mentiras

GUSTAVO PIMENTEL

Muitas vezes enganamos a nós mesmos sem perceber. Desafio alguém que já não tenha dito: "é meu último porre"; ou "vou perder esta barriga"; ou ainda "vou matar meu chefe"; ou, esta é recordista, a melhor, "não vou mais votar para deputado". São palavras ditas em momentos de desespero, quando estamos sob o efeito da droga chamada CCNC (Cansaço de Correr e Não Chegar), que assoberba grande parte das pessoas.

Será mentira? Analisemos.

Manhã de segunda-feira, a cabeça como se tivesse uma broca de furadeira girando crânio adentro, não podendo nem abrir os olhos, a luz machuca, mas, no próximo final de semana, não tem erro, festa, noite, paixões passageiramente instantâneas e, inevitavelmente, bebedeira.

Em frente ao espelho que, por sinal, a cada dia que passa é um exercício dos mais cruéis a se fazer, a barriga pendendo flácida como gelatina, pelancas que se multiplicam como praga em lugares que antes nunca pensávamos que poderiam criar-se e cabelos que crescem em lugares que não são para crescer e, onde são para crescer, caem. Mas as churrascadas, as cervejinhas e os chocolates teimam em percorrer nosso sistema digestivo sem fundo.

Mas, se os dois tópicos discutidos não fazem parte do rol das desventuras da vida, esse certamente faz. Chatos, pentelhos e ranzinzas existem em todos os lugares. Por que diabos então, mistérios da natureza, esses adjetivos recaem sobre pessoas que têm por título "chefe"? Em nossos íntimos, assassinamos esses desafortunados das formas mais hediondas possíveis e infindáveis vezes, nunca cansamos, nossa diferença com um "serial killer" é, tão-somente, que não colocamos tais atos em prática, mas vontade não falta.

E, por último, desta mentira ninguém escapa: as benditas eleições. A obrigatoriedade do voto é que nos faz cometer esse desvario, caso contrário não sei não se não passaríamos ilesos. O slogan "o voto é dever de todo cidadão" é de dar nojo. Quando, enfim, após horas na frente da TV assistindo ao hilariante horário político obrigatório, encontramos a pessoa que irá salvar o sofrido povo brasileiro, não é que o infeliz fica hipnotizado pelo canto da sereia (ou seria canto do dinheiro?) e se vende como se fosse produto "made in China", em uma banca vagabunda de um camelô ordinário. Mas uma nova eleição surge para nos livrar das garras do mal, e a esperança nunca acaba. Aliás, se a esperança tivesse cor, ela seria branca, branca como a cor do botão da urna eletrônica que temos a opção de apertar.

Mas, afinal de contas, Luís Inácio outrora não avisou? Sobre uma tal história de "lobby"? Conchavo? Propina? Ou congressistas "picaretas"? Corrupção endêmica? Luís Inácio no passado tinha razão e, continua tendo.

(Gustavo Pimentel é engenheiro mecânico e escritor.)

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Ano : 2010

Título : O Ócio

Categoria: Contos

O ócio

“Paciência Spider” é uma merda, vicia mais que cocaína. Colocarei na minha agenda, hoje mesmo, em letras garrafais, “falar com Bill Gates ou qualquer outro figurão responsável por este maldito jogo, para retirar esta praga do ar”. Fiquei a tarde inteira mastigando este infundável chiclete, que agora tem gosto de chulé, sem fazer nada, a não ser, é claro, ficar em frente ao “Spider” com suas cartas mágicas, hipnóticas. Apesar de que, não fazer nada é o resumo de minha vida. Minha miserável existência, neste planeta azul. Planeta azul como dissera um certo astronauta russo, como é nome dele..., não aquele que foi para a lua, aquele é americano..., sei que começa com G. Putz esqueci.

A vida passando por uma bela rua, bem arborizada sob um céu de imenso azul, ladeada por grandes casas com gramados impecáveis que descaem em calçadas onde crianças andam de bicicleta e outras correm carregando balões coloridos, perseguidas por cachorrinhos e, carros novos com suas pinturas metálicas brilhando, deslizando sobre um pavimento perfeito. E, eu, vendo tudo isso através de uma janela. Vendo a vida passar defronte de meus olhos, atrás da vidraça encardida de gordura e merda de moscas da janela.

Por falar em janela, através dessa do meu quarto, no décimo andar de um edifício vagabundo e decadente, onde moro com minha mãe, posso ver o prédio em frente. Aliás, não é um prédio, é praticamente um palacete, onde vivem ricos e abastados, local que só chegarei, no máximo, para passar um pano no chão ou para fazer alguma manutenção. É dessa mesma janela que, quase diariamente, observo, em um misto de raiva e inveja, o escroto do dono do apartamento que fica no mesmo nível do nosso, esbanjar sua riqueza com festas, amigos igualmente ricos e inúteis, e mulheres, belíssimas jovens mulheres com suas cabeleiras esvoaçantes e roupas de grife, exalando libido e sensualidade em cima de seus sapatos de salto altos.

O nome do desgraçado é Ricardo Gardin. Sei disso porque o verme é uma personalidade da cidade, sempre resplandecendo pelo efeito dos holofotes da mídia. Péra aí. Gardin. Gardin. Agora me lembrei do nome do astronauta. Gagarin. A porra do nome é Gagarin. Aquele que disse que a terra é azul. Mas, deixando de pensar no astronauta e voltando a pensar em Gardin e seu sorriso de modelo de pasta de dentes, brilhando nas colunas sociais, me fez lembrar que as mulheres com quem ele se encontra no apartamento não se parecem em

nada com aquela que aparece com ele nas fotografias dos jornais, aquela, como é escrito abaixo de cada retrato, “Ricardo Gardin e esposa, encantadores como nunca no baile das debutantes do Clube Jovens Vagabundas”.

Isso me deu uma ideia. Onde está a merda do guia telefônico? Aqui. Páginas amarelas. Onde.., onde..., onde..., aqui. Encontrei. “Compra, venda e aluguel de equipamentos eletrônicos, som e imagem”.

Me deu mais raiva do Ricardo, o ônibus que peguei pra chegar na loja estava apinhado de gente. Gente pobre, fedidas de um dia duro de trabalho, uns coitados de dar dó. Mas, afinal, porque a repulsa? Não estava junto da minha gente? Sim, estava. Era horrível admitir. Aquelas pessoas eram o meu tipo de gente. Uns fodidos como eu.

Olhei três vezes para o papel onde tinha escrito o endereço da loja. Estava parado em frete de uma casa velha sem letreiro ou indicação de que houvesse algum comércio ali. Uma pequena porta aberta na lateral da casa era o único indicativo de que havia vida naquele local. Entrei e uma quinquilharia de objetos abriu-se na minha frente. Era um entulho de televisores, vídeo-cassetes, aparelhos de DVDs de um lado, brinquedos do outro, eletrodomésticos, máquinas fotográficas e filmadoras, como se tivesse passado um Godzilla por ali e, com sua delicadeza, disposto tudo a sua maneira.

•

o Olá? - Nada.

o Olá? - Nada.

De repente, passando por uma cortina de miçangas, que fazia as vezes de porta em uma abertura que dava para outro cômodo, surgiu uma figura diminuta, com uma camisa de seda listrada de marrom, bege e outros tons afins, desabotoada até o peito, onde, da abertura saía tufos de pelos pretos e, de onde era possível ver uma grossa corrente dourada. Seu rosto moreno composto de um bigode fino que contrastava com uma grossa suíça que invadia suas bochechas, sorriu com toda a capacidade de abertura da boca, por onde saiu um: - Em que posso ajudar, véio?

•

o Quero alugar uma filmadora. daquelas potentes. Sabe aquelas da Globo, com lentes que filma as pessoas de longe?

o Sei sim. Essas são mais caras.

o Não tem problema. Dinheiro não é problema.

o Beleza véio. - O sujeito passou pela abertura de onde veio, fazendo tilintar as miçangas, e logo retornou com o equipamento na mão. O colocou em cima do balcão e disse: - É essa belezura que tu esta querendo.

Para mim, aquela “belezura” parecia mesmo se tratar de uma câmera que pudesse captar à longa distância, apesar de estar meio esfolada e com uns adesivos bagaceiros.

•

o Ela filma mesmo a longa distância?

o Claro, véio. Tu pode filmar o cu de um passarinho piscando a dois quarteirões de distância. Acredite em mim.

o Quanto é o aluguel por um dia?

o Duzentos.

o Duzentos??? Mas que merda, tenho só trinta e cinco. - Não achei que sairia tão caro assim. Juntei com dificuldade minhas economias, que não eram muitas, já que no dia anterior tinha gastado uma boa parte comprado uma porrada de gibis.

o Só trinta e cinco? Infelizmente não vai dar negócio véio. - O sujeito começava a retirar a filmadora de cima do balcão.

o Péra aí. Eu pago o restante quando devolver a máquina.

O sujeitinho me olhou de cima a baixo se como aquilo avaliasse a veracidade do que eu havia acabado de falar.

•

o Fininho? Fininho vem aqui. - Ele afastou as miçangas e gritou para o interior do cômodo.

Fininho? Fininho? Que porra de apelido é esse? Deve ser um raquítico de um passa fome que vai vir para me ameaçar dizendo que irá me quebrar e chupar meus ossos por inteiro se eu não devolver a filmadora. Mas quem passou pela porta de miçangas, ou melhor, “o que” passou pela abertura teve que se curvar, quase se agachar. O animal tinha a cabeça raspada, do tamanho da cabeça de um touro. Atrás, na sua nuca, havia três dobras de couro sobrando, já que os músculos dos ombros e costas empurraram a pele que se acumulou ali, parecendo que Fininho não tinha pescoço. Seu tronco era quase da largura de um carro, os braços tatuados sustentavam calombos do tamanho das pernas do Roberto Carlos, aquele baixinho que jogou na seleção campeã em 2002, e mãos que se agarrassem minha cabeça, a explodiriam como um melão maduro.

•

o Fininho, este cara quer levar a câmera, mas só tem trinta e cinco. Ele disse que vai pagar o restante quando devolver. O que tu acha?

o Se não pagar eu vou quebrar e chupar os ossos dele por inteiro.

Antes de deixar aquela espelunca tive que deixar minha carteira de identidade e soletrar meu endereço, para que Fininho anotasse em uma caderneta.

Voltei para meu quarto. Meu decrépito santuário. Peguei uma mesa ajeitei na frente da janela, posicionei a câmera em cima dela, liguei e, pelo visor, direcionei a lente para o apartamento do Ricardo. E não é que a porra da filmadora captava imagens muito boas do interior do apartamento que ficava do outro lado da rua. Então agora era só esperar.

Começava a cair a noite quando as luzes do apartamento do Ricardo se acenderam. Pela janela notei que Ricardo estava em companhia de uma figura feminina. Corri para a câmera e dei um zoom onde consegui enxergar até uma cárie no molar do Ricardo. A mulher estava de costas, não pude ver de imediato o rosto dela.

Era só o sexo entre eles começar que filmaria aquela bunda branca dele subindo e descendo. Não esqueceria também de filmar o rosto daquela vagabunda. Se ele não pagar o que vou exigir, entregarei a fita para a sua esposa. Dois mil? Acho que é pouco. Quem sabe três? Pouco ainda. Cinco? É. Cinco é quanto vou pedir para o calhorda.

De repente, o que me deu foi uma taquicardia, ou seria uma embolia, ou ainda, uma hemorragia, ou as três coisas juntas, ou, outra “ia” qualquer dos infernos. Era praticamente uma convulsão. Meu corpo se debatia em desespero e raiva!

A mulher que o zoom captou, quando ela se virou, era minha mãe. A minha imaculada mãe, que eu acreditava que a única vez que tinha feito sexo na vida foi para me gerar. A dor no peito só aumentou quando o escroto fechou as cortinas impossibilitando que eu visse o que se passava no interior do apartamento.

Quando meu pai ainda era vivo, morávamos em uma casa. Nós tínhamos um cachorro, um rottweiler, que até lembrava o Fininho, que nós havíamos ganhado quando ele era ainda filhotinho. Meu pai construiu um canil, se é que podia chamar aquilo de canil, um local cimentado de dois por dois metros. O bicho começou a crescer e aquele espaço minúsculo o deixou louco. Andava de um lado para o outro, babando de raiva, rosnando para qualquer um que chegasse perto. Agora eu entendia o Devil, como era chamado o rottweiler. Naquele quarto, eu também babava de raiva, andando em círculos, poderia matar alguém que chegasse perto neste momento, principalmente, o escroto do Ricardo.

Minha mãe não era feia, longe disso, ela tinha trinta e oito anos, se cuidava na comida, tinha uma bicicleta ergométrica e fazia Pilates. Como os gaiatos diziam, era uma “coroa” gostosa. Um colega da escola certa vez insinuou que ele só ia na minha casa por causa da minha mãe, para vê-la em trajes que se usa quando somente estamos no recanto do lar. Deixei o rosto deste colega com três olhos. Bem entre os dois já existentes, na sua testa, com um belo soco, entalhei o terceiro.

Cego que estava, vendo tudo em vermelho sangue, dei um chute na mesa que apoiava a câmera, que ondulou por alguns instantes, impanando perigosamente em direção à janela, por onde deslizou dez andares abaixo.

Já podia sentir meus ossos quebrados e chupados por inteiro por Fininho. Pelo naípe do dono da loja e do seu guarda-costas, se eu saísse vivo após nossa transação comercial, eu ficaria no lucro. Saí do meu quarto empurrando tudo pela frente, sem esperar o elevador, desci pelas escadas pulando os degraus de dois e dois, na esperança de que a câmera estivesse ainda em boas condições. Era nisso que eu queria muito acreditar, mas sabia se tratar de uma utopia. Só se um bando de anjos, de asinhas brancas e panos brancos envoltos das cinturas, escondendo, é claro, seus sexos, tivessem olhado para mim e segurado a câmera no ar e a colocado no chão suavemente. Chegando no local onde a máquina caiu, vi que a porra dos anjinhos, o máximo que fizeram, foi se mijarem de rir de minha cara de paspalho que devia estar fazendo naquele momento que encontrei a filmadora decomposta em mil pedaços. Era plástico e elementos eletrônicos espalhados por todos os lados, e para ajudar, os automóveis que rodavam pela rua passavam por cima dos restos mortais que sobraram.

Desesperado corri para o prédio de Ricardo, o porteiro, um negrão que poderia ser irmão de Fininho, me barrou a passagem e me disse “se não ir embora te chuto o rabo até a rua”. Fui até a saída das garagens. Era por ali que o verme comedor de mães saíria com seu carrão. Devido minha raiva, minha espumante raiva, poderia ficar fincado naquela calçada, esperando Ricardo, o tempo que fosse necessário. O tempo que esperaria pelo maldito, daria inveja a Matusalém. Os transeuntes que passavam perto de mim se afastavam rapidamente, ou atravessavam a rua, eu devia estar parecendo um louco, ou drogado, falando sozinho como se falasse com amigos imaginários, chutando as pedras da calçada enquanto praguejava.

Uma hora depois o Audi preto do Ricardo saiu por detrás do portão automático. Pulei em cima do capô do carro de braços abertos. O estrondo de lata amassando foi grande. Ricardo saltou pra fora gritando palavrões. Me agarrou pelos fundilhos do jeans e me jogou no chão. Levantei rapidamente e foi a vez dele se estatelar no capo do Audi. Gritei e cuspi em seu rosto perfumado.

- Você comeu minha mãe. Seu filho da puta, nojento.
- Tá louco. Não comi ninguém. Nem conheço tua mãe.
- Tu comeu sim. Eu vi. Eu vi ela com você lá do meu apartamento.
- Tu esta falando da Sandra? A Sandra que estava no meu apartamento agora?
- É seu merda. Vou te matar. Comeu minha mãe.
- Não aconteceu nada. Você é o filho dela?
- Sim.
- Fique calmo. Não aconteceu nada. Me largue, deixe eu explicar. Sai de cima de mim.
- Vou te matar.
- Tua mãe veio me pedir um emprego para você. Me largue. É um emprego pra você que ela veio me pedir.
- Um emprego? Que merda de emprego? - Sem perceber fui afrouxando o aperto no colarinho da camisa de Ricardo, que aproveitando, saiu da posição que estava em cima do carro e ficou em pé.
- É, um emprego. Ela sabe que eu tenho várias empresas e que poderia te ajudar.
- Um emprego? Uma merda de um emprego?
- Sim. Mas agora esqueça. Nunca vou dar emprego para um louco desequilibrado como você.

Ricardo entrou no Audi e saiu cantando os pneus, e eu quase arrastando a cara no chão. Estava na merda. Não bastava estar devendo uma grana preta para bandidos, agora piso e cuspo na chance de arrumar emprego, e conseqüentemente dinheiro, insulto a pessoa que me ajudaria a melhorar minha posição, e envergonho, com minha atitude irracional, minha mãe.

O que mais falta agora?

-
- o Alô? Sandra?
- o Oi meu amor. Já tá com saudade?
- o Olhe...
- o Sabe que eu estou com muitas saudades tua. Teu corpo é maravilhoso.
- o Espere...
- o Quando vou poder te ver de novo? Ai! Tu é um tesão.
- o Deixe eu...
- o Quero te ver logo. Tu me liga? Tô louca por ti.
- o Cale a boca!!! Deixe eu falar, porra.
- o Que foi???
- o Teu filho me atacou agora a pouco quando eu saía do prédio.
- o Puta merda.
- o Não vai mais rolar Sandra. Infelizmente. Não podemos mais nos ver.
- o Mas... - Sandra ouviu somente o silêncio do outro lado....

Data : 11/11/2010

Título : O Reverso da Malandragem

Categoria: Contos

Descrição: Endireitou a gravata como era acostumado a fazer sempre que falava com o ...

O REVERSO DA MALANDRAGEM

Endireitou a gravata como era acostumado a fazer sempre que falava com o dono da banca de advocacia onde trabalhava. Agora que já havia deixado a sala “de sua santidade” há alguns minutos, sentado em sua escrivaninha, ajeitou o saco, pois já sabia que, o que estava por acontecer fazia com que essa região do seu corpo descesse saltos mortais, como se levasse uma descarga de algumas centenas de Volts. Alisou novamente o pedaço de pano listrado que pendia de seu pescoço ornamentado por um rosto que já tinha visto tempos melhores. Seus cabelos estavam grisalhos, uns diziam que era charme, mas ele se achava mais parecido com um Dálmata do que com uma pessoa charmosa. As rugas e a flacidez da pele acamparam por ali e, pelo jeito, para nunca mais sair. Eram invasores muito piores que os membros do MST. Mas para ele nada disso importava naquele momento.

Antônio Ferraz estava prestes a empurrar seu chefe, clientes, família, e qualquer outro causador de sua precoce velhice para um canto escuro e esquecido de sua memória. Normalmente, sua cabeça estava sempre cheia de números, negociações, cobranças, e reclamações do filho, esposa e amante. Estava chupando aquele “paralelepípedo” há muito tempo, e achava que já estava na hora de pensar em si mesmo. Tinha que aproveitar a vida enquanto suas condições permitiam e, seu remorso não o corresse por desperdiçar aquele tempo que ainda lhe restava. Achava que sua estação estava chegando e seria chutado para fora do trem a qualquer momento.

Ligou para sua secretária. - Ana peça para Fabi vir até meu escritório, por favor?
- Fabi era uma das várias estagiárias que circulavam pelos corredores babando em cima dos chefes.

Minutos depois Fabi entrou em seu escritório. Cada vez que ele a via, amaldiçoava deus, diabo, Alan Kardec, padre Cícero, exú e tudo mais, por não ter conhecido aquele pedaço de filé mignon em outros tempos.

- Quería falar comigo senhor Ferraz?

- Feche a porta por favor. - Ela obedeceu, mostrando, quando se virou, toda a exuberância de sua juventude.

Ele, então, estendeu para ela um envelope. Ela o pegou e tirou de dentro um papel grosso cheio de escritos impressos . Leu.

- Antônio não brinque comigo. Não me diga que isso é uma passagem?

- Sim. Para o Rio de Janeiro.

- Nossa, nunca saí desse fim de mundo. Meu sonho era conhecer o Rio.

- Então, nós dois iremos amanhã.

Assim que Fabi saiu do escritório Ana entrou.

- O que você queria com essa garota, trancados aí dentro?

- Nada. Só passei alguns trabalhos para ela. Fique calma Ana. O que houve?

- Desculpe, é que não aguento mais esta situação. Quando você vai falar com a Fernanda avisando que vai a deixar? Estou enlouquecendo, quero você só pra mim.

- Me dê um tempo Ana, logo vou falar com a Fernanda. Tenha paciência.

- E os próximos dias?

- Vou ter que viajar para a capital. Meu pai vai fazer aniversário amanhã. Oitenta e dois anos, apesar da próstata. Todos os meus irmãos estão indo pra lá. Vou sair amanhã cedo.

- Queria ir junto contigo.

- Agora é impossível Ana, é um encontro de família. Todos estarão lá. Se meu pai sabe que me separei, tem um infarte.

Quantas mentiras ainda teria que contar até o final do dia? Para Darcílo, seu chefe, disse que no dia seguinte teria que atender sua sogra que estava há um passo de ir para a cova. Para sua amante, Ana, que já estava com vontade de mandar pastar, disse que seu pai estava de aniversário, sendo que seu velho já está morto a quase dez anos. O que viria a seguir? Que foi o inventor do plano real e do câmbio flutuante?

Chegando em casa encontrou Fernanda esparramada em uma espreguiçadeira, a beira da piscina, já que era horário de verão e o sol ainda estava alto, ela tinha uma rodela de pepino em cima de cada pálpebra e um comprido copo ao lado, de onde escorriam gotículas de água.

- Oi meu amor. Como foi seu dia? - Ele lhe estalou um beijo nos lábios.

- Oi. - Ela retirou os pepinos dos olhos e observou Antônio terminar, de um gole só, o coquetel do copo. - Corri o dia inteiro. Tive que organizar tudo para o jantar do Cris amanhã a noite. Lembra? Amanhã é aniversário do seu filho.

- Putz, me esqueci. - Sobre isso ele não estava mentido. Tinha esquecido completamente o aniversário de seu filho. - Vou viajar amanhã. Tenho que atender alguns clientes em São Paulo, aquela família poderosa da qual te falei outro dia, os Albuquerque. Lembra? Se eu não for, o Darcílo me arranca o saco.

- Porra Antônio, é aniversário do teu filho. O garoto te adora, está longe estudando na capital, vem pouco pra cá e você joga fora essa oportunidade?

Antônio teve que passar horas em uma ladainha quase chorosa para, apenas, atenuar o mal que traria sua ausência nos próximos dias. Estrebuchou tantas mentiras que, lhe faziam mal os enroladinhos de camarão e champanhe que ingeriu como entrada do jantar. Não sabia se sua cantilena tinha “colado”, mas sabia que aquela oportunidade com Fabi ele não perderia por nada nessa vida. Não bastava a carranca vitalícia de Darcílo, a sofridão de Ana com seus olhos esbugalhados ou a languidez de Fernanda, Fabi era o foco.

Enquanto Antônio e Fabi estavam esparramados nas areias de Copacabana, dois membros da família Albuquerque entravam na recepção da banca de advogados querendo falar com Antônio Ferraz, com quem tinham assuntos da maior importância a tratar. Se os dois homens soubessem que seu advogado, a quem pagavam alguns milhares de reais pelos serviços prestados, estaria deitado de ladinho em uma esteira de palha, apoiando a cabeça com uma mão e com a outra passando protetor solar nas costas de uma estagiária gostosa, para quem prometia no dia seguinte levar ao Cristo Redentor e ao Pão-de-Açúcar, o mandariam para um lugar nada parecido com aquele de areias brancas e mar azul.

Como seu planejamento para aquela noite havia “furado”, o encontro familiar que tanto tinha imaginado não aconteceu, Fernanda convidou Cristiano, o filho que estava de aniversário, para irem jantar em um restaurante badalado da cidade que tinha aberto há pouco tempo.

Tomava, antes ainda da chegada dos pratos principais, um Borgonha em uma taça bojuda, quando avistou no fundo do salão Darcílo, Ana, a secretária de seu marido, e dois outros homens que ela não conhecia. Ela não era de fazer escândalos ou cenas, pois era uma mulher refinada, mas também sabia, quando estava com raiva, ser cínica e dissimulada, com uma suavidade tamanha que feria fundo as pessoas que tinham capacidade de perceber que estavam sendo insultadas. E Darcílo era uma destas pessoas.

Disse a Cristiano que iria ao banheiro, mas sua intenção era, no retorno para mesa, fazer ser notada por Darcílo e, então, ter a oportunidade de se aproximar do tirano que em uma ocasião tão especial separou sua família. E, conforme o planejado, quando saiu do banheiro ficou de frente para onde estava sentado Darcílo, que a avistou. Ele fez um sinal para ela, que se aproximou da mesa. Darcílo levantou-se e deu um beijo no rosto de Fernanda.

- Não se preocupem comigo. Podem continuar o jantar, só vim dar um olá para o “querido” patrão do meu marido. - O “querido” saiu com uma ênfase acima daquela que ela planejava, mas não se preocupou, já que era realmente para Darcílo sentir o tamanho de sua frustração.

Darcílo deu uma risadinha sem graça, mas “pegou” de imediato a insinuação de Fernanda, sabia que aqueles comentários eram típicos dela, mas não encontrou propósito para aquilo, já que foi muito evidente o insulto. Talvez pela doença de mãe, ela esteja perdendo a sensibilidade e a estabilidade, pensou Darcílo.

- Fernanda gostaria de te apresentar Roberto e Ricardo Albuquerque. Eles são nossos clientes e trabalham diretamente com Antônio. - Apertaram-se as mãos. Fernanda também cumprimentou Ana, e não entendeu mais nada. Não eram aquelas pessoas que seu marido teve que atender em São Paulo?

Antes de Fernanda falar alguma coisa, Ana continuou.

- Transmita um feliz aniversário ao seu sogro. Oitenta e dois, não é mesmo? - Fernanda cada vez mais pasma se preparou para dizer que seu sogro havia morrido há quase dez anos, mas foi cortada, agora por Darcílo.

- Já ia me esquecendo. Como tá tua mãe? Melhorou de saúde? Diga que estamos torcendo pela recuperação dela. - Já era demais. Não bastava mandar Antônio para longe dela e do filho, agora estavam gozando de sua cara? Aquela conversa de louco só podia ser gozação.

Fernanda pensou os mais sujos e bestiais impropérios, que nem imaginava que podiam se formar em sua cabeça e, que naquele momento, estavam rolando pelo interior de sua garganta e chegando em sua língua. Iria libertá-los, até que enfim, cativos em anos de pomposidade e refinamento, mas, no último momento, pensou melhor e resolveu apenas conversar com aquelas pessoas ali na sua frente que esperavam alguma reação sua. E foi uma conversa muito esclarecedora para todos.

“Que noite! Sei que outra igual será impossível. Posso morrer agora. Morro com a maciez da pele de Fabi nos meus dedos e o gosto dela na minha boca”. Fabi dormia de bruços ao lado de Antônio, o lençol até a cintura, deixava descoberta suas costas. “É tão linda”. Ele não conseguiu dormir. Virou-se para o lado e pegou o telefone celular que repousava no criado-mudo, o tinha o deixado no modo silencioso, pois não queria nenhum atrapalho naquele momento com Fabi. Ao contrário, queria prolongá-lo ao máximo.

No visor do aparelho estava escrito: “15 ligações não atendidas”.

As ligações eram de Fernanda, Ana, Darcílo e dos irmãos Albuquerque.

Data : 25/09/2010

Título : Suave Amiga

Categoria: Contos

Descrição: Ela colocou as mãos no meu peito, levantou-se do meu colo, me pegou pelas mãos e me ...

SUAVE AMIGA

Senti a umidade quente da língua dela a percorrer meu ouvido. Conhecia o íntimo de cada recanto. Seu hálito tinha o cheiro e o sabor de grama após a chuva. Lentamente desceu pelo meu pescoço. Minha pele arrepiou, principalmente nas costas, ao toque dos lábios dela suavemente mapeando minha nuca. Eu estava sentado em uma grande poltrona estofada com um tecido que não conhecia. Era couro? Talvez, mas muito diferente daquele que conhecia, mas era de um conforto entorpecente. Se a moça não estivesse ali, somente aquela poltrona abraçando meu corpo já me traria prazer. Ao fundo tocava uma música com uma melodia muito harmoniosa tocada por piano e violino, mas, não soube de onde ela vinha, não vi nenhum aparelho ou caixas de som no lugar. Aliás, tudo aquilo era desconhecido para mim, desde a mulher, o quarto, e especialmente, de como havia chegado ali.

Ela estava sentada no meu colo, de frete pra mim, suas pernas envoltas no meu quadril. Enquanto ela continuava, com lábios mágicos a massagear com beijos quentes meu pescoço, seu corpo junto ao meu, como se fossemos um, suavemente empurrei seus cabelos, de uma cor indefinida, só sei que eram claros, que se derramavam e escondiam seu rosto, que logo que vi me pareceu perfeito. Neste momento, sem parar de me beijar, ela olhou para mim e então pude ver seus olhos de um azul puxando para escuro, cor de tempestade, quase cinzas, profundos, enigmáticos, hipnotizantes.

As paredes do quarto eram muito brancas, ardentes ao olhar, e sob meus pés um tapete vermelho, felpudo, que senti entre meus dedos. O vermelho era a única cor que contrastava com a brancura toda, parecia até uma transgressão. De um lado uma cama muito grande, convidativa, parecendo muito confortável em lençóis de seda, e em sua frente um janelão, do chão ao teto, estava aberto. Por ele entrava uma brisa fresca e gostosa. De repente abri os olhos, e de onde eu estava pude ver copa de árvores, estávamos em andares superiores desta construção, e ao término deste conjunto de árvores um gramado verde-claro em um terreno com leve declive, que terminava abruptamente em um penhasco, onde o mar se descortinava em imensidão, de um azul cristalino, e ondas que quebravam contra rochedos. Gaivotas planavam no céu sem nuvens, imaculado.

Ela colocou as mãos no meu peito, levantou-se do meu colo, me pegou pelas mãos e me dirigiu para a cama. Ela estava somente de lingerie. Uma rendada de cor clara como sua pele, elegante. Seu corpo era lindo, nada comparado com aquelas mulheres, “artistas”, que se vê semanalmente nas tardes dominicais em algum programa de TV. Ela era proporcional, nos mínimos detalhes, e nas medidas exatas. Ela caminhando na minha frente não resisti e passei, quase como uma travessura, as pontas dos meus dedos nas suas costas, ela suspirou e olhou para trás, para mim, e um meio sorriso se formou em seus lábios, e, então, percebi que o tecido da poltrona era do mesmo material, mesma textura,

da pele dela. Estranho? Para mim era muito, mas, aquele momento não se deveria deixá-lo apenas por achá-lo estranho, deveria desfrutá-lo como o último.

Após ela tirar delicadamente a lingerie, enquanto me olhava nos olhos, fizemos amor. Simples e absoluto. Calmo e vívido. Apaixonado e ardente. Foi como estivesse despencando no infinito, ou do penhasco que sabia estar ao alcance dos meus olhos. A sensação que me invadiu nunca sentira antes. Ela tinha meu coração e minha alma nas mãos, e queria que ela os mastigasse para guardá-los para sempre no seu interior. Era somente isso que queria naquele momento, nunca sair dela. Se onde estava era o céu ou inferno não me importava, queria que aquele momento fosse o mais intenso e prolongado possível, até quase nunca acabá-lo. Poderia ficar ali para sempre, percorrendo cada centímetro do corpo dela por todo um ano ou por toda uma vida.

Quando entrei nesta experiência estava como estive como quando tinha vinte e cinco anos de idade. Corpo bem feito, pele bronzeada pelo sol, morena, com uma vasta cabeleira negra ondulando na testa, segura por brilhantina, o bigode continuava lá. Agora, porém, estou velho, deitado na minha cama, minha companheira por tantos e tantos anos, estes derradeiros anos que me restam. Fui consumido pela vida, mas, também, não posso reclamar, também consumi a vida de outros. Para desfrutar bem minha vida, confesso, suguei a vida de muitos, e dessa forma, posso dizer, que ela foi generosa comigo. O dinheiro e o prazer caminharam sempre ao meu lado, e os considero meus reais amigos. Nunca me abandonaram e nunca me criticaram.

Alguns em seu leito de morte sonham, ou vivenciam, como foi meu caso, com os familiares, com a esposa, filhos, pais. Outros com o trabalho, imaginando que estão atrás de suas mesas cheias de papéis, com telefones tocando por todos os lados, comandando pessoas com ordens ríspidas. Outros, ainda, sonham com seus times de futebol, que estão nas arquibancadas de um estádio vibrando por um gol. Mas eu, por outro lado, como não tive esposa e filhos e não fui ligado aos meus pais; meu trabalho de longe era estressante e sempre o fiz sozinho; meu time de futebol, assim como a minha religião, é eu mesmo, não acredito em futebol e muito menos em religião como eles estão definidos em dicionários; sonho, agora em que a morte está próxima, com mulheres.

Não sei ao certo a razão que sonho com elas. Talvez porque tive muitas delas, cada uma ao seu jeito, com suas suas manias e posicionamentos frente a vida, mas nenhuma por muito tempo. Contudo, nenhuma eram parecidas com aquela do meu sonho. Nem de perto.

Mas, agora sei, que aquela moça não era nenhum anjo, e aquele lugar que estive não era o paraíso, mas sim, um presente que a morte me brindou, já que agora ela me carrega em seus braços, e seus braços são doces e belos como a da moça.